

poemas

TÍTULO: Poemas

AUTOR: Agostinho Neto

Capa: Luandino Vieira

1.ª Edição: Casa dos Estudantes do Império.

Colecção de Autores Ultramarinos. Lisboa 1961

Composição e impressão: Editorial Minerva. Lisboa

2.ª Edição: União das Cidades Capitais de Língua Portuguesa (UCCLA)

A presente edição reproduz integralmente o texto da 1.ª edição.

Artes Finais da Capa: Judite Cília

Composição e Paginação: Fotocompográfica. Almada.

Impressão: Printer Portuguesa. Mem Martins.

Esta edição destina-se a ser distribuída gratuitamente pelo Jornal SOL, não podendo ser vendida separadamente.

Tiragem: 45 000

Lisboa 2014

Depósito Legal: 378 387/14

Apoios Institucionais:



COLECÇÃO AUTORES ULTRAMARINOS

AGOSTINHO NETO

*Colectânea
de
poemas*

*LISBOA
MCMLXI*

COLECÇÃO AUTORES ULTRAMARINOS

Dirigida por

CARLOS EDUARDO
COSTA ANDRADE

- N.º 1 — *Amor* (Poemas, 1960) de M. António
N.º 2 — *A Cidade e a Infância* (Contos, 1960) de Luandino Vieira
N.º 3 — *Fuga* (Poemas, 1960) de Arnaldo Santos
N.º 4 — *Poemas* de Viriato da Cruz (1961)
N.º 5 — *Poemas de Circunstância*, de António Cardoso
N.º 6 — *Terra de Acácias Rubras*, de Costa Andrade
N.º 7 — *Kissange*, de Manuel Lima
N.º 8 — *Poemas* de Agostinho Neto (1961)

O AUTOR

ANTÓNIO AGOSTINHO NETO nasceu a 27 de Setembro de 1922 no Icolo e Bengo (Angola). É médico formado pela Faculdade de Medicina de Lisboa.

Participou no primeiro movimento literário angolano, o «*Movimento dos Novos Intelectuais de Angola*» que em 1950 surgiu em Luanda através da revista «*Mensagem*», órgão da Associação dos Naturais de Angola. Desde logo se firmou como um dos mais representativos e válidos poetas angolanos.

Está representado no «*Caderno de Poesia Negra de Expressão Portuguesa*» de Francisco José Tenreiro e Mário de Andrade (Lisboa), na «*Antologia da Poesia Negra de Expressão Portuguesa*» de Mário de Andrade (Paris), em «*POETAS ANGOLANOS*» de C. Eduardo (Ed. da Casa dos Estudantes do Império, Lisboa) e em «*Contistas Angolanos*» (Ed. da C. E. I.).

A sua poesia encontra-se dispersa por revistas e jornais da metrópole e ultramar. O presente caderno reúne pela primeira vez algumas das suas produções publicadas nos anos de 1949 a 1953.

Tem para editar o livro de poemas: «*Sagrada Esperança*».



p o e s i a a f r i c a n a

Lá no horizonte
o fogo
e as silhuetas escuras dos imbondeiros
de braços erguidos
No ar o cheiro verde das palmeiras queimadas

Poesia africana

Na estrada
a fila de carregadores bailundos
gemendo sob o peso da crueira
No quarto
a mulatinha dos olhos meigos
retocando o rosto com muge e pó de arroz
A mulher debaixo dos panos fartos remexe as ancas

Na cama
o homem insone pensando
em comprar garfos e facas para comer à mesa

No céu o reflexo
do fogo
e as silhuetas dos negros batucando
de braços erguidos
No ar a melodia quente das marimbas

Poesia africana

E na estrada os carregadores
no quarto a mulatinha
na cama o homem insone

Os braseiros consumindo
consumindo
a terra quente dos horizontes em fogo.

f o g o e r i t m o

Sons de grilhetas nas estradas
cantos de pássaros
sob a verdura húmida das florestas
frescura na sinfonia adocicada
dos coqueirais
fogo
fogo no capim
fogo sobre o quente das chapas do Cayatte.

Caminhos largos
cheios de gente cheios de gente
cheios de gente
em êxodo de toda a parte
caminhos largos para os horizontes fechados
mas caminhos
caminhos abertos por cima
da impossibilidade dos braços.

Fogueiras
 dança
 tamtam
 ritmo

Ritmo na luz
ritmo na cor
ritmo no som
ritmo no movimento
ritmo nas gretas sangrentas dos pés descalços
ritmo nas unhas descarnadas
Mas ritmo
ritmo.

Ó vozes dolorosas de África!

m u s s u n d a a m i g o

Para aqui estou eu
Mussunda amigo
Para aqui estou eu.

Contigo.
Com a firme vitória da tua alegria
e da tua consciência.

— o ió kalunga ua mu bangele!
o ió kalunga ua mu bangele-le-lelé...

Lembras-te?
Da tristeza daqueles tempos
em que íamos
comprar mangas

e lastimar o destino
das mulheres da Funda,
dos nossos cantos de lamento,
dos nossos desesperos
e das nuvens dos nossos olhos
Lembras-te?

Para aqui estou eu
Mussunda amigo.

A vida, a ti a devo
à mesma dedicação, ao mesmo amor
com que me salvaste do abraço
da jibóia

à tua força
que transforma os destinos dos homens.

A ti
amigo Mussunda, a ti devo a vida.

E escrevo
versos que tu não entendes!
Compreendes a minha angústia?

Para aqui estou eu
Mussunda amigo
escrevendo versos que tu não entendes.

Não era isto
o que nós queríamos, bem sei
mas no espírito e na inteligência
nós somos.

Nós somos
Mussunda amigo
Nós somos!

Inseparáveis
caminhando ainda para o nosso sonho.
Os corações batem ritmos
de noites fogueirentas
os pés dançam sobre palcos
de místicas tropicais
os sons não se apagam dos ouvidos

— o ió kalunga ua mu banguê...

Nós somos!

kinaxixi

Gostava de estar sentado
num banco do Kinaxixi
às seis horas numa tarde muito quente
e ficar...

Alguém viria
talvez
sentar-se ao meu lado

E veria as faces negras da gente
a subir a calçada
vagarosamente
exprimindo ausência no quimbundo mestiço
das conversas

Veria os passos fatigados
dos servos dos pais também servos
buscando aqui amor ali glória
além de uma embriaguês em cada álcool

Nem felicidade nem ódio

Depois do sol posto
acenderiam as luzes e eu
iria sem rumo
a pensar que a nossa vida é simples afinal
demasiado simples
para quem está cansado e precisa de marchar.

meia-noite na quitanda

— Cem reis de jindungo
Sá Domingas

O sol
entrega Sá Domingas à lua
nas quitandas dos musseques

E a quitandeira esperando

— Cinquenta reis de tomate
três tostões de castanha de cajú
um doce de côco
Sá Domingas

Ela vende na quitanda à meia-noite
que o filho

está na estrada
precisa de cem mil reis
para pagar o imposto

O sol deixa Sá Domingas
na quitanda
e ela deixa o luar

Um tostão
dois tostões
três tostões
que o coração de Sá Domingas
sofre mais do que o corpo na quitanda.

c a m i n h o d o m a t o

Caminho do mato
caminho da gente
gente cansada
Óóó-oh!

Caminho do mato
caminho do soba
soba grande
Óóó-oh!

Caminho do mato
caminho de Lemba
Lemba formosa
Óóó-oh!

Caminho do mato
caminho do amor
amor do soba
Óóó-oh!

Caminho do mato
caminho do amor
do amor de Lemba
Óóó-oh!

Caminho do mato
caminho das flores
flores do amor.

comboio africano

Um combóio
subindo de difícil vale africano
chia que chia
lento e caricato

Grita e grita

quem esforçou não perdeu
mas ainda não ganhou

Muitas vidas
ensoparam a terra
onde assentou os rails
e se esmagam sob o peso da máquina
e no barulho da terceira classe.

Grita e grita.

Quem esforçou não perdeu
mas ainda não ganhou

Lento, caricato e cruel
o comboio africano...

noite

Eu vivo
nos bairros escuros do mundo
sem luz, nem vida.

Vou pelas ruas
às apalpadelas
encostado aos meus informes sonhos
tropeçando na escravidão
ao meu desejo de ser.

— Bairros escuros
mundos de miséria

onde as vontades se diluíram
e os homens se fundiram
com as coisas.

Ando aos trambolhões
pelas ruas sem luz
desconhecidas
pejadas de mística e terror
de braço dado com fantasmas.

Também a noite é escura.

c o n f i a n ç a

O oceano separou-me de mim
enquanto me fui esquecendo nos séculos
e eis-me presente
reunindo em mim o espaço
condensando o tempo

Na minha história
existe o paradoxo do homem disperso!

Enquanto o sorriso brilhava
no canto de dor
e as mãos construía mundos maravilhosos

John foi linchado
o irmão chicoteado nas costas nuas

a mulher amordaçada
e o filho continuou ignorante.

E do drama intenso
duma vida imensa e útil
resultou certeza:

As minhas mãos colocaram pedras
nos alicerces do mundo
mereço o meu pedaço de pão!

as terras sentidas

As terras sentidas de África
nos ais chorosos do antigo e do novo escravo
no suor aviltante do batuque impuro
de outros mares
sentidas

As terras sentidas de África
na sensação infame do perfume estonteante da flor
esmagada na floresta
pela imoralidade do ferro e do fogo
as terras sentidas

As terras sentidas de África
no sonho logo desfeito em tinidos de chaves carcereiras
e no riso sufocado e na voz vitoriosa dos lamentos
e no brilho inconsciente das sensações escondidas
das terras sentidas de África

Vivas
em si e conosco vivas

Elas fervilham-nos em sonhos
ornados de danças de imbondeiros sobre equilíbrios
de antílope
na aliança perpétua de tudo quanto vive

Elas gritam o som da vida
gritam-no
mesmo nos cadáveres devolvidos pelo Atlântico
em oferta pútrida de incoerência e morte
e na limpidez dos rios

Elas vivem
as terras sentidas de África
no som harmonioso das consciências
incluídas no sangue honesto dos homens
no forte desejo dos homens
na sinceridade dos homens
na razão pura e simples da existência das estrelas

Elas vivem
as terras sentidas de África
porque nós vivemos
e somos as partículas imperecíveis
e inatacáveis
das terras sentidas de África.

o choro de áfrica

O choro durante séculos
nos seus olhos traidores pela servidão dos homens
no desejo alimentado entre ambições de lufadas românticas
nos batuques choro de África
nos sorrisos choro de África
nas fogueiras choro de África
nos sarcasmos no trabalho choro de África

Sempre o choro mesmo na vossa alegria imortal
meu irmão Nguxi e amigo Mussunda
no círculo das violências
mesmo na magia poderosa da terra
e da vida jorrante das fontes e de toda a parte e de todas as
[almas
e das hemorragias dos ritmos das feridas de África
e mesmo na morte do sangue ao contacto com o chão

mesmo no florir aromatizado da floresta
mesmo na folha
no fruto
na agilidade da zebra
na secura do deserto
na harmonia das correntes ou no sossego dos lagos
mesmo na beleza do trabalho construtivo dos homens

o choro de séculos
inventado na servidão
em histerias de dramas negros almas brancas preguiças
e espíritos infantis de África
as mentiras choros verdadeiros nas suas bocas
o choro de séculos
onde a verdade violentada se estiola no círculo de ferro
da desonesta força
sacrificadora dos corpos cadaverisados
inimiga da vida
fechada em estreitos cérebros de máquinas de contar
na violência
na violência
na violência

O choro de África é um sintoma

Nós temos em nossas mãos outras vidas e alegrias
desmentidas nos lamentos falsos de suas bocas — por nós!
E amor
e os olhos secos.

criar

Criar criar

criar no espírito criar no músculo criar no nervo

criar no homem criar na massa

criar

criar com os olhos secos

Criar criar

sobre a profanação da floresta

sobre a fortaleza impúdica do chicote

criar sobre o perfume dos troncos serrados

criar

criar com os olhos secos

Criar criar

gargalhadas sobre o escárneo da palmatória

coragem na ponta da bota do roceiro

força no esfrangalhado das portas violentadas
firmeza no vermelho sangue da insegurança
criar
criar com os olhos secos

Criar criar
estrelas sobre o camartelo guerreiro
paz sobre o choro das crianças
paz sobre o suor sobre a lágrima do contrato
paz sobre o ódio
criar
criar paz com os olhos secos

Criar criar
criar liberdade nas estradas escravas
algemas de amor nos caminhos paganizados do amor
sons festivos sobre o balanceio dos corpos em forcas
[simuladas
criar
criar amor com os olhos secos.

a s p i r a ç ã o

Ainda o meu canto dolente
e a minha tristeza
no Congo, na Geórgia, no Amazonas.

Ainda
o meu sonho de batuque em noites de luar.

Ainda os meus braços
ainda os meus olhos
ainda os meus gritos.

Ainda o dorso vergastado
o coração abandonado
a alma entregue à fé
ainda a dúvida.

E sobre os meus cantos
os meus sonhos
os meus olhos
os meus gritos
sobre o meu mundo isolado
o tempo parado.

Ainda o meu espírito
ainda o quissange
a marimba
a viola
o saxofone
ainda os meus ritmos de ritual orgíaco.

Ainda a minha vida
oferecida à Vida
ainda o meu desejo.

Ainda o meu sonho
o meu grito
o meu braço
a sustentar o meu Querer.

E nas sanzalas
nas casas
nos subúrbios das cidades
para lá das linhas
nos recantos escuros das casas ricas
onde os negros murmuram: ainda

O meu Desejo
transformado em força
inspirando as consciências desesperadas.

c e r t e z a

Não me peças sorrisos
que ainda transpiro
os ais
dos feridos nas batalhas.

Não me exijas glórias
que sou eu o soldado desconhecido
da Humanidade

As honras
cabem aos generais.

A minha glória
é tudo que padeço e que sofri
os meus sorrisos
tudo o que chorei.

Nem sorrisos, nem glória.

Apenas um rosto duro
de quem constrói a estrada
por que há-de caminhar
pedra após pedra
em terreno difícil.

Um rosto triste
pelo tanto esforço perdido
— o esforço dos tenazes
que à tarde se cansam.

Uma cabeça sem louros
porque não me encontrei
no catálogo
das glórias humanas.

Não me descobri na vida
e selvas desbravadas
escondem os caminhos
por que hei-de passar.

Mas hei-de encontrá-los
e segui-los
seja qual for o preço.

Então
num novo catálogo

mostrar-ter-ei
o meu rosto
cercado de ramos de palmeira

e terei para ti
os sorrisos que me pedes.

sim em qualquer poema

Apetece-me escrever um poema.

Um poema fechado dentro de si
para ser compreendido
apenas
pelos passarinhos que chilream lá fora
sobre as três árvores
da minha única paisagem;
para ser entendido
pela canção da seiva
circulante no verde das ervas
do caminho áspero da encosta;
e pelo brilho do Sol
e pelo carácter Integro dos homens.

Um poema que não sejam letras
mas sangue vivo
em artérias pulsáteis dum universo matemático
e sejam astros cintilantes
para calmas noites
de invernos chuvosos e frios
e seja lume para acolher as gazelas
que pastam inseguras
nos acolhedores campos da imensa vida;
amizade para corações odientos
motor impelindo o impossível
para a realidade das horas;
cântico harmonioso para formosura dos homens.

Um poema
(ah! quem comparou a África a uma interrogação
cujo ponto é Madagascar?)
Um poema solução
resolvendo a curva interrogativa da imagem
em linha recta da afirmação;
e a beleza das florestas virgens,
a precisão da engrenagem da existência,
o som fantástico do trovejar sobre pedras,
os cataclismos fluviais
pendentes sobre as frágeis canoas do rio Zaire,
o claro arrebol dos olhos dos homens.

Um poema traçado sobre aço
escrito com as flores da terra
e com os braços esguios da podridão;

esculpido no amor
que exala a esperança daquele meu amigo
a esta hora com a tanga ensopada
no suor do seu dorso;
com as canções adocicadas do quissange ao luar;
e as gargalhadas infantis para a minha amada;
com o calor simpático
do corpo sangrento dos homens.

Um poema fechado
— longo e imperceptível
em que amor e ódio entrelaçados
sejam a síntese da discordância
para ser cantado em todas as línguas
guiado pelo som da marimba e do piano;
ritmo de batuque enxertado sobre as valsas
da outra mocidade;
harmonia de xinguilamentos
sobre o bárbaro matraquear de máquinas de escrever,
grito aflitivo no vácuo
debatendo-se para encontrar vibração de matéria
e a aspiração dos homens.

Mas não escreverei o poema.

Em que subterrâneos circularia
o ar irrespirável da violência?
Nas cavernas dos teus pulmões
o caften das vielas sórdidas

do conformismo?
Ou na avidez dos quilómetros intestinos
dos chacais?
Ou nas cavidades prostituídas do coração
infame do escravagismo?
Ou nas goelas
da desonestidade inconsciente?

Não escreverei o poema.

Escreverei cartas à minha amada
preencherei os espaços claros dos impressos
com letra impecável
e nos intervalos
cantarei canções afro-brasileiras.
Sonharei,
Sonharei com os olhos do amor
incarnados nas tuas maravilhosas mãos
de suavidade e ternura.

Sonharei com aqueles dias de que falavas
quando te referiste à Primavera.
Sonharei contigo.
E com o prazer de beber gotas de orvalho
na relva
deitado ao teu lado
ao Sol, — uma praia furiosa lá ao longe.
E ficará dentro de mim
a amargura de não escrever o poema.
Ele há tantas amarguras!

Não escreverei o poema.

Direi simplesmente
que o colosso de certeza na humanidade do Universo
é inapagável
como o brilho das estrelas
como o amor dos teus olhos
como a força da harmonia dos braços
como a esperança nos corações dos homens.
Inapagável
como a sensual beleza
da agilidade das feras sobre o campo
e o terror transmitido dos abismos.

Direi simplesmente
Sim!
Sempre sim
à honestidade dos homens
ao viço juvenil da sinfonia das árvores
ao odor inesquecível da natureza
que apaga os possíveis cheiros amargos.

Sim!
à interrogação mágica de Talamugongo
do Cunene ao Maiombe;
ao sonoro cântico de ritmo subterrâneo
e dos chamamentos telúricos;
aos tambores

apelando para o fio da ancestralidade
esbatido além;
ao ponto interrogativo de Madagascar.

Sim!

às solicitações místicas à musculatura dos membros
ao quente das fogueiras endeusadas
na lenha das sanzalas;
às expansões magníficas das faces
esculpidas no alegre sofrimento das quitandeiras
e no ritmo febril das sensações tropicais;
à identidade
com a filosofia do imbondeiro
ou com a condição dos homens,
ali onde o capim os afoga em confusão.

Sim!

à África-terra, à África-humana.

Direi sim
em qualquer poema.

E esperemos que a chuva pare
e deixe de molhar os chilreantes passarinhos
sobre as três árvores da minha única paisagem
e o desejo de escrever um poema.

Isso passa.

o caminho das estrelas

Seguindo

o caminho das estrelas
pela curva ágil do pescoço da gazela
sobre a onda sobre a nuvem
com as asas primaveris da amizade

Simples nota musical

indispensável átomo da harmonia
partícula
germe
cor
na combinação múltipla do humano

Preciso e inevitável

como o inevitável passado escravo

através das consciências
como o presente

Não abstracto
incolor
 entre ideias sem cor
sem ritmo
 entre as arritmias do irreal
inodoro
 entre as selvas desaromatizadas
 de troncos sem raiz

Só

Mas concreto
vestido do verde
do cheiro novo das florestas depois da chuva
da seiva do raio do trovão
as mãos amparando a germinação do riso
sobre os campos de esperança

A liberdade nos olhos
o som nos ouvidos
 das mãos ávidas sobre a pele do tambor
num acelerado e claro ritmo
de Zaires Calaáris montanhas luz
vermelha de fogueiras infinitas nos capinzais violentados
harmonia espiritual de vozes tam-tam
num ritmo claro de África

Assim

o caminho das estrelas
pela curva ágil do pescoço da gazela
para a harmonia do mundo.

ÍNDICE

Poesia Africana	7
Fogo e Ritmo	9
Mussunda Amigo	11
Kinaxixi	14
Meia-Noite na Quitanda	16
Caminho do Mato	18
Comboio Africano	20
Noite	22
Confiança	24
As Terras Sentidas	26
O Choro de África	28
Criar	30
Aspiração	32
Certeza	35
Sim em Qualquer Poema	38
O Caminho das Estrelas	44

